

Universidades Lusíada

Monteiro, Pedro Cortesão

Design design : para lá do vento fútil

<http://hdl.handle.net/11067/8372>

Metadados

Data de Publicação	2025
Editor	Universidade Lusíada
Palavras Chave	Desenho - Filosofia
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-FAA] ArLíquido, n. 1 (2005)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T21:59:57Z com
informação proveniente do Repositório



Design Design

para lá do vento fútil

Pedro Cortesão Monteiro

1.

Ao que parece este é um tempo de *Design*.

O *Design* - ou outra coisa que se faz passar por ele - invade tudo.

Designer jeans, designer hair, designer nails.

Cola-se às coisas, mesmo às mais improváveis, e todas vai adjectivando sem critério e sem clemência.

Designer food, designer drugs, designer babies.

Até as vetustas Pousadas de Portugal já não se limitam a ser só *Históricas* ou de *Charme*. Agora há umas que, coitadas, cheias de pedras e anos em cima, ainda são *Históricas*, e outras que, eleitas, e apesar do peso das pedras e dos anos em cima, viajam no tempo para o Século XXI. *Pousadas Históricas Design*.

Designer hotel, designer bar, designer drinks.

É assim. Quase tudo é *Design*. E o que ainda não é está na iminência de também poder ser.

Vítima de equívocos e vítima de si próprio - das suas origens, da sua natureza, das suas circunstâncias, das suas forças e das suas fraquezas - o *Design*, à maneira das estrelas trágicas de Hollywood, vive simultaneamente dias de glória e dias de angústia. A glória da fama global e a angústia de saber o que fazer com ela. Do sentido que ela possa ter.

Como a palavra que lhe dá nome, o *Design* globaliza-se, generaliza-se, banaliza-se. E pelo caminho corre o risco de ir perdendo algum sentido.

A multiplicidade de sentidos do vocábulo inglês, e das expressões que o

integram, não torna a coisa mais fácil. Convirá, por isso, que de tempos a tempos, e a bem daquilo que nos interessa, voltemos à casa de partida. Aos sentidos e propósitos originais.

A expressão *by Design* significa, grosso modo, *feito com (um) propósito*.

O nosso primeiro propósito é pensar e discutir o Design. Para lá da espuma, para lá deste vento fútil.

a.

Uma revista de Design. Sobre Design.

Não é certo que seja uma boa ideia. Mas já ia sendo tempo de alguém fazer a experiência.

Sobretudo poderá parecer um risco mal calculado propormo-nos fazer uma revista que assenta essencialmente na história, teoria e crítica do Design, num país em que tais mercadorias não abundam (seja em que campo for) e - pior ainda - onde não abunda sequer a prática do Design. Que história, que teoria ou crítica, então, para *tão pouco* Design?

Mas ainda que se possa pensar que o aparente contra-senso não recomendaria a aventura duma revista, pode também pensar-se que - a ser um contra-senso - será só mais um: a juntar à existência, neste mesmo contexto, de um Museu do Design (ainda antes de lhe questionarmos os propósitos ou os conteúdos) ou à realização de uma bienal internacional de Design (*ditto*). Poder-se-á alegar que tanto o Museu como a Bienal são acontecimentos singulares e o resultado de ambiciosas iniciativas individuais - fenómenos urbanos desligados da realidade (pouco) produtiva. Será eventualmente assim. Mas são também - para além das circunstâncias e motivações pessoais que estão na sua origem - reflexo de novos tempos. Tempos de acesso facilitado à informação, ao debate e aos protagonistas. E tempos de disseminação dos palcos de discussão em função dessa franquia nos acessos.

Também o aparecimento da *arliquido* será reflexo destes novos.

Poderá haver história, teoria ou crítica, porque os seus objectos, que são do Mundo todo, estão agora razoavelmente ao nosso alcance. Poderá haver história, teoria e crítica - apesar da falta de tradição - porque há hoje em Portugal um número considerável de licenciaturas em Design e - assim se espera - um contingente apreciável de pessoas interessadas pelo tema, algumas com vontade de sobre ele reflectir e necessitando de meios para veicular tais reflexões. Finalmente, porque apesar de escassa, a produção de Design em Portugal existe e não é despicienda. É certamente merecedora

de atenção, de reflexão, de polémica. Nas suas contingências, nas suas idiossincrasias, nas suas virtudes, nas suas frustrações, nas suas fragilidades.

b.

Uma das razões prováveis para a não existência de uma revista com estas características, será seguramente a falta de produção teórica, resultante duma prática (?) enraizada nas instituições universitárias associada a uma falta de (auto-)exigência dos putativos autores. O cenário é sobejamente conhecido e repetem-se os lamentos nas mais diversas áreas.

Apesar das significativas diferenças, tomemos um exemplo próximo: hoje vivemos um período de vasta produção teórica, de aparecimento de revistas universitárias, iniciativas de docentes e/ou de discentes, e de publicações da mais variada natureza, no domínio da Arquitectura. Tal fenómeno dever-se-á certamente ao crescimento exponencial da população de arquitectos ou futuros arquitectos, mas também a uma mudança para uma prática de produção teórica e crítica que se auto-alimenta e induz.

Estamos longe dessa situação quando se trata de escrever sobre Design. Não precisamos de ir muito longe para procurar demonstrações disso mesmo. Foi o leitor, aliás, quem tratou de pegar no exemplo. Tem-no na mão: esta revista - que apesar do convite aberto feito aos designers, apesar das muitas insistências, de todas as dilações, acaba por se fazer muito à custa das gavetas generosas de... arquitectos.

Podemos, assim, começar por assumir logo neste primeiro número o pecado pouco original dessa promiscuidade: parte substancial dos nossos generosos colaboradores são e serão arquitectos (ainda que alguns tenham reconhecidas ligações ao Design). Não devemos admirar-nos com isto. Afinal as razões que tornam mais complicada a arregimentação de designers, são aquelas identificadas em primeiro lugar: uma ausência de produção teórica decorrente da falta de tradição, duma prática pouco significativa e dum contingente de expressão reduzida. Uma situação que não pode de modo algum comparar-se com aquilo que se passava com a Arquitectura, antes da actual explosão editorial.

Muito justamente os designers portugueses manifestam-se contra aquilo que entendem ser a usurpação do seu território, o desprezo pelas suas competências. Têm certamente razões para fazê-lo. Porém se há coisas que lhes escapam - sendo a primeira os contornos mal definidos do Design enquanto disciplina e actividade - há outras que não deveriam escapar-lhes.

Para começar um sentido de pertença mais consequente, que permita criar alguma unidade na confusão vigente. Depois um sentido de responsabilidade que potencie a participação. Finalmente um sentido das proporções que permita discernir o que é, de facto, a favor ou contra o Design.

Esta é uma revista de Design. Pelo Design.

Mas sim, este texto também é escrito por um *arquitecto*. E então?

c.

Pelo Design. Porque é preciso, seguramente, discutir o Design. A sua natureza, as suas razões, podem e devem ser questionadas.

A disciplina está no meio de um fogo cruzado de visões e interesses divergentes, se não antagónicos. Ainda assim: dando como adquirido o reconhecimento da autonomia disciplinar (e nós, em Portugal, ainda não estamos sequer perto daí) põe-se o problema do fosso entre aquilo que o Design é, quer ser ou deve ser, e a forma como é visto pelos outros.

Aí a culpa está também - não nos iludamos - do lado do Design. Que se muitas vezes não é respeitado, outras tantas não se respeita. Não se reflecte, não se questiona, não se discute. Ilude-se, e permite que se lhe vá colando o rótulo de frivolidade, ao deixar-se seduzir pelo brilho das páginas das revistas, pela superficialidade fotogénica da Wallpaper.

Por outro lado, ou pelo mesmo, a sua crescente visibilidade tem o reverso numa ideia deturpada que vai ganhando força: à medida que vai assumindo protagonismo na sociedade, vai também ganhando mais peso a ideia generalizada que associa Design ao acessório. Não se podem furtar de responsabilidades na progressiva conformação dessa ideia muitos profissionais ou amadores do Design, que vão alimentando esse equívoco, deixando que progressivamente o Design se transforme na qualidade menor - não é sequer a pele, é a roupa - que se cola a objectos mais ou menos dispensáveis. É esse o conceito generalizado de Design.

Também não ajuda esta causa a muito debatida questão da diluição ou indeterminação das fronteiras disciplinares. Há muito que o Design procura, sem inteiro sucesso, definir-se enquanto disciplina e actividade autónoma. Hoje, porém, ao mesmo tempo que vai conseguindo ganhar forma por um lado, vai-se rarefazendo por outro, ora aventurando-se em territórios contíguos, ora deixando-se penetrar nos flancos por incursões originárias de outros campos.

Em Portugal vivemos, talvez ainda mais intensamente, esse aparente

paradoxo. Um tempo em que, simultaneamente, o Design ganha atenção e dela continua carente. Atenção do Estado, em primeiro lugar. Depois dum primeiro impulso dado ao Design, enquanto elemento fundamental na estratégia de desenvolvimento do país - num período que ficou marcado pela criação do CPD - o assunto desapareceu praticamente da discussão política, com a excepção de referências pontuais em discursos de circunstância (em momentos de visitas a zonas industriais em crise ou em genéricas declarações de intenções em datas solenes).

O termo está, porém, estranhamente arredado - sobretudo quando também está na moda - da linguagem de campanha, dos programas políticos. Tal facto só se pode dever a uma verdadeira incompreensão, por parte de quem decide, da natureza, função ou alcance do Design. Mesmo quando se fala, não se percebe verdadeiramente do que se fala. Nada de inabitual no discurso político. O Design acaba por cumprir também nessa instância, o papel que lhe é reservado comumente no mundo dos objectos: o de chavão acessório.

O Design vive, assim, entalado entre equívocos diversos. De um lado uma visão supostamente *informada*, que o transforma em espécie de mercadoria de luxo, dispensável, inacessível ou fútil. De outro a visão suburbana *desinformada* que o toma por uma espécie de *tuning de série*. Inevitavelmente, no meio deste fogo cruzado, a visibilidade do Design cresce nos *media*. Na publicidade o Design começou por ser um adjectivo apostado aos objectos para, mais recentemente, passar a ser personagem. Na imprensa generalista multiplicam-se as rubricas aparentadas do Design, a maior parte das vezes meras listagens de *gadgets* ou acessórios. Na imprensa especializada - mas destinada ao grande público - sucedem-se exemplos de publicações que têm o Design como um dos seus temas (numa visão decorativista e elitista do Design, muitas vezes associado a um certo desejo de cosmopolitismo, quando não de mera frivolidade). E depois nas inúmeras publicações dedicadas à Arquitectura, por vezes tratado com mais dignidade mas sem nunca conseguir abandonar o *supporting role*. Maus ou bons exemplos, para o caso não faz grande diferença, o que se constata é o facto: o Design está nas bancas de jornais, e já não é só no jargão estereotipado da “crítica automóvel” numa qualquer revista de carros.

A questão é, mais uma vez, saber o que se faz com isso.

2.

a.

Ditam as circunstâncias que o sítio onde se *faz* esta revista seja conhecido como *Ar Líquido*.

O *Ar Líquido* são as antigas instalações, na Junqueira, da Sociedade Portuguesa *Ar Líquido*. Hoje é *no Ar Líquido* que acontecem a maior parte das aulas do curso de Design da Universidade Lusíada de Lisboa, e é assim que os seus alunos - e não só - se lhe referem. Encarregamo-nos, mais à frente na revista, de o explicar mais explicado.

O *Ar Líquido* não é particularmente estimado por parte significativa do grande número de pessoas que o frequentam: não tem a nobreza do 'Palácio' e - é certo - falta-lhe o jardim. Reprovam-lhe o ar fabril, a modéstia e o pragmatismo. Nós, apesar do que falta (sombas, árvores, bancos, recantos) estimamos alguma coisa nessa singularidade. Talvez seja só afeição por um passado que ainda é sensível. Logo no nome.

O *Ar Líquido* é, em suma, o nome duma memória. De outro tempo. Um tempo de fábricas no meio da cidade, tempos de uma Lisboa vagamente industrial.

De outra coisa neste sítio; ou seja, de outro sítio.

b.

arlíquido, portanto. Das circunstâncias geográficas, da herança toponímica.

E agora o nome desta revista, iniciativa de docentes da Licenciatura em Design. Uma revista sobre a matéria ou a sua ausência; sobre as coisas e a memória das coisas; sobre este sítio e o que cá se produz; sobre os objectos mais extraordinários, mais improváveis ou mais prosaicos. Sobre a experiência, tantas vezes sublime, do quotidiano.

c.

Este primeiro número da *arlíquido*, atípico porque não-temático, procura ainda assim estabelecer as bases do modelo que, tanto quanto é possível antecipar, se procurará seguir em futuros números. Procurámos garanti-lo na diversidade de conteúdos. Na coexistência de ensaios, de maior ou menor extensão, de carácter histórico, teórico ou crítico; na pluralidade temática e na natureza distinta das contribuições.

Construído sobretudo com textos esquecidos nas gavetas, órfãos de circunstância ou só à espera de um motivo.

O resultado não é assim - e não queria sequer ser - homogêneo ou unitário. Da heterogeneidade resultante espera-se, ainda assim, que possa formar-se uma imagem razoavelmente clara daquilo que se pretende fazer; na diversidade de registos, de objectos, de expressões ou meios.

No nosso convite semi-público apelámos ao resgate de textos à espera duma oportunidade - “do fundo da gaveta do fundo”. Responderam-nos alguns amigos, conhecidos e desconhecidos, a quem temos que agradecer. Algumas dessas respostas ficaram à espera de que conveniências temáticas ou de outra ordem lhes possam fazer justiça. As outras estão aqui.

Leonor Ferrão coloca-nos logo - a nós editores da revista, em primeira instância, e aos nossos eventuais colaboradores, depois - perante a enorme responsabilidade de merecermos as nossas asas, como os anjos de Wenders. Ainda que não estejamos à altura da tarefa, o seu texto tem, entre outros, o mérito de nos ajudar, se não a ganhar (as) asas, pelo menos a convocar as penas. O texto de **Rui Dias** leva-nos, pela mão de Pinóquio, a fazer uma viagem pelo anseio humano do duplo, até ao limiar de um tempo de novos objectos; objectos nas vésperas de devir sujeitos. E, como o seu texto demonstra, coexistimos já com esse(s) outro(s) mundo(s). São precisamente algumas facetas duma terra de outro mundo - cidade hiperreal, eléctrica, brilhante - que o texto e as fotos de **Jorge Figueira** nos revelam. **Pedro Gadanho** traz-nos de volta a casa, com um importante contributo para o conhecimento do trajecto e das oportunidades do Design de Interiores em Portugal. Ao fazê-lo suscita algumas das questões recorrentemente relacionadas com a prática profissional, as sobreposições disciplinares, e os modos de fazer. Questões a que, necessariamente, voltaremos com frequência. O texto de **Pedro Partidário** também fala de cruzamentos e de conexões (e aí se situa). Nomeadamente nas relações do Design com os processos artísticos, na importância do olhar e da *atenção*. Sobre processos reflecte também **Paulo Maldonado**, a propósito de um projecto realizado no âmbito da Licenciatura em Design, e cuja filosofia traduz - na importância atribuída às oportunidades e à faculdade de empreender.

Começamos também - logo neste primeiro número - a pôr em prática o propósito de incluir em cada número a tradução de um texto que faça parte da História (da Teoria) do Design. Procuramos, ao fazê-lo, ir disponibilizando - a um ritmo necessariamente muito insuficiente - alguns textos fundamentais da

produção teórica disciplinar. Entendemos marcar esta intenção, optando por um texto com valor simbólico, do pioneiro **Henry Cole**, incluído originalmente na primeira “revista de Design” da História, publicada bimestralmente entre 1849 e 1852, sob o título de *Journal of Design and Manufactures*. Não se encontrando o original em inglês disponível em qualquer edição recente ou acessível, publicamo-lo aqui acompanhado da nossa tradução.

No cabeçalho do *fac-simile* da página da revista que recebemos dos serviços da British Library, reconhecemos, em caracteres góticos, o título da secção original da revista, *Original Papers*. Nada poderia calhar melhor: fizemos outra vénia a Henry Cole e adoptámos o título para a secção dedicada à publicação/tradução destes textos seminais.

Este número inaugural inclui ainda um *dossier* que procura introduzir os leitores ao contexto em que nasce a revista.

Um *dossier* que remete para a memória de uma cidade industrial que, depois de praticamente extinta, vê agora desaparecer, um a um, os seus vestígios. (E nesse aspecto não haverá, neste momento, outra parte da cidade tão eloquente como Alcântara.) Compõem esse *dossier* uma detalhada abordagem histórica da autoria de **Carlos Bártolo** e um conjunto extraordinário de fotografias da fábrica da Air Liquide em laboração. Se a ideia era procurar nas gavetas, dificilmente poderíamos ter tido mais sorte. Devemos essas belíssimas fotografias - cujo autor (autores?) lamentamos não homenagear devidamente por não ter sido possível identificá-lo(s) - à generosa colaboração do Sr. Benedito Brás, antigo membro da administração da Sociedade Portuguesa Ar Líquido, que as guarda com o mesmo zelo com que recorda os tempos da antiga fábrica.

Ainda que as fotografias possam ter particular interesse para aqueles (funcionários, alunos, professores) que nelas reconhecem os espaços do seu quotidiano, cremos que estas memórias a preto e branco - mesmo que por vezes sugerindo encenar a *alegria no trabalho* salazarista - não deixarão de suscitar em muitos a inevitável nostalgia da cidade desaparecida. Entre as fotografias de trabalho, de lazer no jardim ou nas várias “obras sociais”, dos armazéns e das entranhas fabris, fica a mestria daquela que documenta o treino da soldadura - onde uma luz de pintura flamenga desenha as curvas elegantes do ferro e o retrato fugaz de um Humphrey Bogart de Alcântara. Coisas do quotidiano...

